

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.007

Sabado, 4 de Março de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talha-Lisboa-Telefone 5339-0

Officina de impressão—Rua da Atalaia, 111 e 113

Apesar dos manejos repelentes dalguns lacaios da Companhia Carris, os grevistas deliberaram continuar com firmeza na sua nobilitante atitude.

## CONTRA UM CRIME

Enquanto a imprensa burguesa mantém um silêncio suspeito ante a vergonhosa ameaça da pena de morte que o sr. Cunha Leal pretende — contra a vontade e tradição populares — impôr ao país, A BATALHA, verdadeira intérprete do sentimento de justiça, prossegue na sua campanha contra o mais repugnante crime destes últimos anos.

Com A BATALHA pulsa no mesmo sentimento de repulsa pela indigna atitude do sr. Cunha Leal, todo o povo português!

## ABAIXO A PENA DE MORTE! VIVA A LIBERDADE DE VIVER!

### A GREVE NA GARRIS

## O ARDIL DA COMPANHIA

A greve do pessoal entrou, por assim dizer, na sua fase mais aguda. Entrou na fase em que um simples descuido ou o receio de meia dúzia de grevistas é suficiente para decidir a questão em benefício duma companhia exploradora.

Há greves que se solucionam rapidamente e há outras que se prolongam por espaço de semanas e até de meses. Aquelas que se solucionam rapidamente, porque são menos penosas para os grevistas, quasi nem merecem referência especial.

Mas há as greves que se prolongam, em que os grevistas, dotados dum espirito de resistência admirável, sustentam a luta com perseverança, com carinho, resistindo a fome que não poucas vezes lhes invade os lares, mas resistem, resistem sempre, ainda que hajam de lançar mão da cozinha comum, só para não serem miseravelmente esmagados, mantendo sempre a mesma fé, a fé inquebrantável de quem deseja vencer.

E vencem! E triunfam! Não poucas vezes os patrões lançam mão do estratagemas de que se lembrou agora a Companhia Carris. E' no momento em que os patrões, verificando que os grevistas não estão na disposição de ceder, se utilizam daquelle último recurso. Quando os grevistas são perspicazes, quando conhecem a manha do «donos», mostram-lhe as armas de S. Francisco e prosseguem na luta em que corajosamente se lançaram. Demonstram assim um elevado grau de consciência e de vontade; demonstram o seu espirito de resistência e de decisão; demonstram conhecer bem qual é o fim que as empresas patronais desejam atingir. E, com efeito, que pretende a Companhia Carris com o seu convite, pago, na imprensa? Isto: enfraquecer os grevistas, aterrorizar e dividir os rebeldes lutadores.

A companhia por paga ou de graça, conseguiu que quasi toda a imprensa se collocasse contra a greve; conseguiu que o Estado — que não falta quem diga ser um órgão de equilibrio social, mas que, agora, como sempre, se collocou ao lado duma empresa particular contra uma classe escravizada, quando todos são cidadãos da mesma nacionalidade, ao abrigo da mesma lei — puzesse a sua disposição toda a força armada necessária e todos os militares e civicos que pôde para que funcionassem com os carros, mais sujeitando-se mesmo à perda de material, só para que entre os grevistas se espalhasse o desânimo.

Ao cabo de 15 dias de esforços, tendo tido não

pequeno prejuizo, e não vendo possibilidade de fazer render os grevistas, não resistiu mais. Tevo, então, o seguinte raciocinio: «eu não posso estar eternamente nesta situação embaraçosa; os acionistas querem garantido o seu dividendo e já antes do Carnaval se perdeu dinheiro; veio este, realizam o «corso», os bailes, e o prejuizo cresceu. Os carros que funcionam, só o podem fazer de dia; dos civicos e dos militares poucos sabem trabalhar com eles convenientemente e, afinal, os grevistas, sempre serenos mas firmes, não se arreliam, não se nos entregam, não veem, como Madalenas arrependidas, rojar-se aos nossos pés para os esmagarmos. Pois bem: usaremos doutro ardil, protegidos pela atmosfera de terror criada pelo governo e pela imprensa. E' possível que entre os grevistas haja criaturas suficientemente tímidas, pusilánimes e cobardes, que não possuam o necessário espirito de resistência.

Dizemos que se abre nova inserção, que se admite pessoal novo, e aqueles, os que não tem tam arregaçada a noção da sua força, aquelles que supõem, desde que saiam da companhia, logo morrem de fome; aqueles cuja ignorância não deixa observar que é a companhia que se encontra embaraçada e que se lembrou disto como duma armadilha — esses virão prressurosos até nós, espalharão o desânimo, a desmoralização entre os mais resistentes e dentro em pouco tempo ai toremos todo o pessoal a apresentar-se; e, então, aqui ficará atado de pés e mãos e amordaçado, escolheremos só o que nos convém, aquele menos consciente, e impôr-lhe hemos as nossas condições; rednz se-lhe as regalias, aperta-se-lhe as malhas da opressão, e os que ficarem nunca mais poderão levantar cabeça, podendo a companhia de futuro escarnecer impunemente, porque depois os que ficarem nem sequer teriam coragem para protestar.

Compreenderam os grevistas? Veem bem de frente a escuridão do abismo para onde os quer lançar a companhia?

Quais serão os cegos, os ignorantes, que não reparam na cobardia do gesto que praticam — entregando-se?

Repara a classe trabalhadora de Lisboa nesta obra de destruição, por parte duma das mais exploradoras companhias, do que de mais digno, nobre e elevado existe — a solidariedade moral?

Pois é necessário, é urgente destruir o ardil da companhia!

### LITERATURA VERMELHA

A grandeza imaculada daquela alma pura! Encantado por tudo que ora belo e grandioso, comovido perante todas as desgraças, tanto ria, maravilhado pela verve natural duma criança, como chorava, em calmo silencio, pelas torturas que afligiam os seus semelhantes.

Estranha psicologia a daquele homem, a que uns, mais ignorantes, chamavam bandido, por motivo dos principios redentores que ousadamente apregoava, e a que outros, muitos, conhecedores do seu grande credo de apóstolo, chamavam santo!... Vi-o por vezes, sem que se apercebesse da minha observação, podendo sempre constatar que aquele homem estranhara a semente genuína e salutar do Amor, o generoso representante da Bondade, o reflectido amigo das crianças, o respeitador sincero dos velhos.

Ah! Um dia, espreitando-o, e que pelas suas faces bronzeadas de europeu normal deslavavam duas grossas e sentidissimas lágrimas. Não estranhei o facto cuja explicação encontrei sem de mora: é que na sua frente, perto do coração bonissimo que albergava dentro do peito, passara, na quella manhã gelada de Dezembro, uma criança descalça e róta, cujos póstos de innocente e mártiri estavam cobertos daquele orvalho arripiante consequente das mortíferas geadas alentejanas.

Aquele homem! Vendo passa junto de si a criança mártiri, filha da miséria, teve repentes de cólera sagrada contra o existente, que considerava infame, e verteu lágrimas benditas, filhas do coração dum justo, que oram o sinal evidente da sua grande comção perante os dramas humanos, filhos do erro e do crime.

Aquella aстранha criatura, ostranha pelo affecto ilimitado que votava a todas as coisas, desmentia praticamente, por constantes actos humanos, a classificação com que alguns ventrados burgueses o mimoseavam. Um dia, em certo local concorrido, viria perto de si, estendido em maca lúgubre, macilento e esquelético, um desgraçado como há tantos. Aproximou-se e conheceu o doente. Era um soldado bronco que um dia, no amplo corredor do quartel militar da cidade, quando ia preso entre baionetas, acusado de perigoso à sociedade, o apostrofara violentamente, pedindo, por ignorância, em côro com outros colegas estupidificados pelas immoralidades da caserna, a sua morte imediata.

O apóstolo, como era sep côtomo, reflectiu. E a reflexão consistiu neste pensamento sublime: «Não. Não o incrimino em absoluto. A sua indigna attitude contra mim tem causa na sua lamentável ignorância. O castigo não elimina a ignorância. A ignorância combate-se espalhando a jorras no seu local sinistro, claros de Luz e de Bondade!» E, em silencio, de modo que só ele e o beneficiado o soubesse, entregou-lhe certa quantidade, que disse ser uma ajuda para a sua cura. O doente aceitou, estremecendo de vergonha, e o bandido dirigiu-se a outros locais a

## A PENA DE MORTE É UMA QUESTÃO NACIONAL

Interessa a todos os que respeitam a vida humana  
Interessa particularmente ao operariado

O sr. Cunha Leal persistirá em apresentar o infame projecto à sanção da Câmara, mas o povo saberá impor a sua vontade

A pena de morte, agitada pelo sr. Cunha Leal, aos olhos do povo é uma questão nacional. Interessa a todos. A vida humana está em perigo; todos os que a amam e a desejam sempre mais bela e mais pura devem estar preparados para defendê-la com energia.

Haverá alguém, em cujo peito bata um coração leal, que possa admitir serenamente a ideia horrrosa da pena de morte?

Do norte ao sul do país não pode haver ninguém indiferente a uma questão desta natureza. E' natural que os ricos e os poderosos pouco se importem com o restabelecimento duma odiosa pena que nunca lhes será aplicada, visto que o dinheiro até compra a justiça. Os pobres, porém, aqueles sobre quem o rigor da lei cai com toda a força esmagadora do seu peso brutal, esses saberão responder à pretensão do sr. Cunha Leal com energia e veemência.

O povo tem-se interessado enormemente por esta questão que é de justiça. O povo interessa-se sempre que a liberdade e a vida perigam. Só não se tem interessado, por enquanto os grandes que mantem uma attitude de reserva que chega a ser imoral.

A imprensa burguesa tem mantido um silencio aviltante e tal respeito. Os poucos jornais que ao assunto se tem referido, não tiveram uma palavra veemente de sentença revoita, um gesto dignificante que atestasse a existência duma alma nobre revoltada contra uma injustiça suprema. Parece que a pena de morte é um banal incidente de rua que não merece mais que três linhas a registar. Apenas a *Batalha* — o que bastante nos honra — tem sabido traduzir o sentimento de repulsa que povo alimenta contra tal iniciativa. A *Batalha* sabe que esta questão não está em si mesma a um partido, seja ou grupo. E' uma questão de consciência. Quem tiver uma consciência si clamara bem alto o protesto contra o mal vil de todos os atentados, contra o atentado que pretende perpetrar-se contra a vida humana.

Um menino bonito que escreve prosa mansa nos jornais, um menino que fala muito em mulheres, amor, lutas e Garrett, nos segredos imorais que dirige a toda a gente, defendeu ontem na *Capital*, duma maneira velada e hipocrita — a sua maneira — o restabelecimento da pena de morte. E' riú do caso, como se o caso fosse para rir. Gostariamos de vê-lo rir, se amanhã a pena de morte se estendesse aos que douram assuntos fúteis e discretamente imorais com a sua prosa de inverídicos; gostaríamos de vê-lo rir... Só abortos literários, como o que acabamos de fustigar, consciências corrompidas, almas de podridão admitem a pena de morte. Porém, os que tem da vida uma concepção superior, os que amam a beleza e o bem, esses sentem-se não possuídos de nobre repugnância, ante o mais torpe de todos os crimes — o crime da pena de morte.

O povo é essencialmente bom — e o povo está indignado. E' oviú-lo, é escutar os seus comentários contra a infeliz ideia do sr. Cunha Leal.

Pois os jornais não se fazem eco dessa admirável indignação, os jornais coloniais — os jornais que dizem representar a opinião pública!

A *Manhã*, há dias, quis dar a entender aos seus leitores que a *Batalha* mentia ao povo quando agitava a questão da pena de morte. E' claro — era contra pena de morte, e não se assustasse a *Batalha*, que o caso não era para rir.

Os a declaração feita pelo sr. Cunha Leal, perguntamos a *Manhã* se tinham ou não razão. Perguntamos ainda a esse jornal — que reprova a pena de morte — porque não exteriorizou, duma forma bem patente, a sua indignação contra a attitude vergonhosa do sr. Cunha Leal.

Enfim, o silencio dos jornais revela bem de carácter dos dominantes da politica e da finança que neles influem. Não importa, esse silencio. A *Batalha* soube roupe-lo com nobresa; o povo, por sua vez, saberá apontar ao sr. Cunha Leal, o erro em que pretende cair.

### Maquinistas fluviais

Na reunião dos maquinistas fluviais em greve, ontem electiva, foi aprovada por unanimidade uma moção de protesto contra a ideia do restabelecimento da pena de morte em Portugal.

### Secção dos pedreiros da Construção Civil

A secção profissional dos pedreiros da Construção Civil também protestou contra a pena de morte.

### Secção dos pintores da Construção Civil

A secção profissional dos pintores da Construção Civil, na sua reunião de ontem lavrou o seu protesto contra a pena de morte.

### Operários encadernadores e anexos

Na sua reunião de ontem os operários encadernadores e anexos aprovaram por unanimidade uma moção com as seguintes conclusões:

- 1.º Não consentir por todas as formas ao seu alcance que semelhante ultraje a todas as consciências bem formadas seja um facto, só próprio de jesuitas.
- 2.º Declinar na pessoa d'esse politico de balcão a responsabilidade de que possa succeder.
- 3.º Lavrar desde já o seu protesto publicamente.

### Mocidade trabalhadora do Beato e Olivais

Reuniu espontaneamente a mocidade trabalhadora e revolucionária do Beato e Olivais, para protestar contra o já célebre e famigerado projecto de lei que visa a estabelecer em Portugal a pena de morte, tendo feito uso da palavra vários camaradas, sendo no final aprovada por unanimidade a seguinte moção:

«A mocidade trabalhadora revolucionária do Beato e Olivais resolve:

- 1.º Manter-se vigilante e activa perante todas as prepotências governamentais;
- 2.º Protestar energeticamente contra a aprovação do decreto que pretende estabelecer a pena de morte, indo até onde for preciso para obstar a que tal succeda».

### Protestos individuais

Duma carta do nosso camarada Joaquim Correia de Barros, ferroviario do Sul e Sueste, que nos escreveu felicitando a *Batalha* pelo seu aniversário, recordamos o seguinte período que revela um estado de espirito em que muita gente se encontra:

«Revoltado neste momento contra a instituição da pena de morte em Portugal, declaro que o affecto e a simpatia que senti por esse homem que se chama Cunha Leal, pelo gesto nobre e altivo praticado em defesa da vida hu-

### Centro Comunista de Lisboa

NOTA OFFICIOSA

A comissão administrativa, na sua reunião de ontem, apreciou o propósito em que se encontra um parlamentar republicano e dos mais «avançados» de propor ao parlamento o estabelecimento da pena de morte em Portugal.

Este organismo vê neste gesto a satisfação de velhas aspirações da reacção clerical e burguesa de liquidar assim todos os elementos liberais, que acompanhando o progresso dos mais humanitários principios de liberdade, em nome dos mesmos tem obstado as tentativas esboçadas pela casta dominante no sentido de voltarmos ao passado.

Constatao que o jornal *A Batalha* brillantemente deu o sinal de alarme, rompendo fôro contra fam monstruosas ideias, solidarizando este Centro e saúde o mesmo jornal, iniciando ao mesmo tempo todo o povo liberal a cerrar fileiras para no momento próprio agir por todas as formas ao seu alcance no sentido de inutilizar semelhante proposta.

«Simultaneamente este organismo faz o aviso solene, que jamais deixará de estar a postos, enquanto o perigo de tal barbaridade não desapareceu por completo.

### MÚSICA

«Homagem a David de Sousa

«E' Completissimo e organizado de forma a satisfazer os mais exigentes o programa do concerto que amanhã se effectua no Politeama, pela Orquestra Sinfónica de Lisboa, sob a regencia eximia de Fernandes Fão.

O produto revertido em favor da mãe de David de Sousa, o saudoso maestro em homenagem ao qual se realiza.

Deverá executar-se a «Ensiants», de Weber; o «Momento Musical», de Schubert; o «Peer Gynt», de Grieg; a «6.ª Sinfonia» (Pafética), de Tschalkowsky; a «Routet d'Omphale», de Saint-Saëns; a «Aria» em re, de Bach e a «Rapsódia slava», de David de Sousa.

## Ainda "A Semana de A BATALHA"

### As manifestações de simpatia para com o órgão operário

Não cessam as manifestações de simpatia para com o órgão dos trabalhadores o seu terceiro aniversário já passou há uns poucos de dias.

Damos hoje ainda nota de algumas saudações recebidas, não nos permitindo a absoluta falta de espaço publicar as ultimas listas de donativos, o que faremos amanhã.

### Sindicato Unico Metalúrgico

Comissão Pró-«A Batalha».

«Apela-se para os camaradas, que não tiraram quetes na semana transacta, para que o façam esta semana, encontrando-se na sede do Sindicato membros desta comissão, a fim de receber os donativos.

«Que nenhum metalúrgico deixe de contribuir com o máximo das suas posses, para o nosso forte baluarte na imprensa!

### Saudações individuais

Escreve-nos o camarada Abel R. Carralho, da Figueira da Foz, saudando

A *Batalha* pelo seu terceiro aniversário e enviando-nos a quantia de 7550, produto duma quete tirada entre alguns camaradas.

Anibal Dantas escreve-nos saudando a *Batalha*, enviando-nos 4800 produto duma quete e prometendo contribuir mensalmente para este jornal com a quantia de 2550.

José do Couto Soares e José Gonçalves Torres enviaram-nos as suas saudações entusiásticas.

António da Conceição Barulho, felicitou a *Batalha* e enviou-nos 2500 para Munções.

Joaquim Correia de Barros, com as suas saudações entusiásticas enviou-nos 2550, prometendo inscrever-se com 1500 mensal.

Pedro Mendes Correia saudou-nos pela passagem do terceiro aniversário de *A Batalha*.

O nosso presado camarada Gonçalves Correia felicitou-nos pelo aniversário de *A Batalha*.

## Táctica deplorável

Informa-nos da Arcada que uma comissão de operários dos fósforos foi instar junto do ministro das finanças pela apresentação, no parlamento, dum projecto de lei autorizando a companhia a aumentar um centavo no preço de cada caixa de fósforos amorfos, a fim de ser melhorada a situação dos operários.

Semelhante attitude dos operários dos fósforos não pode passar sem a nossa reprobção.

O papel dos operários é bem diferente. Nunca devem reclamar medidas que agravem os consumidores e favoreçam os patrões.

Os operários dos fósforos devem ter-se limitado a fazer junto da Companhia as suas reclamações e prepararem-se para conseguir a sua realização. Mas reclamar junto do Estado, ou de quem quer que seja, qualquer beneficio para a Companhia é que não está certo, não é lógico. A Companhia que zela pelos seus interesses e com eles os operários nada tem que ver. Os interesses dos operários e os da companhia são antagonicos. Portanto a attitude dos operários dos fósforos revela uma má tactica, uma tactica deplorável.

Será conveniente que semelhantes deploráveis exemplos se não repitam.

Trabalhadores: LEIA E DIVULGUE A NOVELA VERMELHA



# "A BATALHA" EM OLHÃO

## Como os "melos", vivem, como eles trabalham e como se divertem

### Notas de reportagem do nosso enviado especial

#### UMA ENTREVISTA

### Sobre o magno problema da instrução

Olhão tem direito a exigir a abertura de mais escolas de ensino primário, e absoluta necessidade da criação de uma escola industrial

O director da escola primária oficial é o sr. Manuel António Justino, disse-nos logo de principio. E logo de principio procuramos o sr. Justino. Mas o director escolar não é astro facilmente visível, a não ser de dia, a horas de aula; através as janelas da antiga escola do prior, por onde de há anos se estende aquella onda enorme de cabeças volúveis de garotos.

Passamos uma vez que não há crianças.

O sr. Justino? indagámos do confinho que se anessa a anunciar-nos sem

As impressões hoje publicadas nesta página de A Batalha exclusivamente dedicada à vila de Olhão, foram colhidas, numa visita de algumas semanas, por um nosso repórter, natural daquela vila, e especialmente enviado com aquele fim.

Não são, os comentários, as pequenas notas desta página, simples reportagem dum jornalista extranho nos interesses e à vida de Olhão. O nosso redactor não é, neste caso, o repórter que se limita a tomar apontamentos do que vê e do que ouve. Ligado, pela sua infancia, pela sua familia, por laços affectivos indestrutíveis, por saudosas recordações de amizade, áquelle povo, as notas, os instantâneos que aí vão, são retalhos da vida de Olhão, vividos e sentidos como um indígena sabe sentir e viver.

Poderão parecer ásperos, rudes, por vezes, esses comentários. A ninguém mais do que ao seu redactor eles pesam. Mas são exactos, cheios da verdade que elle presa acima de tudo, e que acima de tudo põe, não com o mero fim de censurar, de criticar, mas com o mais alto intuito de contribuir para que a população grande e laboriosa de Olhão enverede por um caminho melhor, se desenvolver, se aperfeiçoe materialmente e espiritualmente.

O povo de Olhão dorme afogado num torpe e avassalador individualismo, coberto de insectuosas montureiras, fechadas as janelas do espirito ao ambiente purificador da Verdade e da Beleza. A vila dispõe, como poucas no país, de condições naturais que lhe permitem uma vida modelar. Rica pelo seu solo, duma fertilidade exuberante, pela fonte inexgotável da sua pesca, pela beleza do seu clima, pela alegria do seu sol, ique excelentes factores de vida e de progresso!

Mas em Olhão nada progride, nada se desenvolve, senão um egoismo cada vez mais arreigado e cada vez mais preverso. Aumentou industrialmente durante a guerra. Desenvolveram-se as indústrias da pesca e de conservas. Mas desse desenvolvimento resultou simplesmente o enriquecimento de meia dúzia de atriuidos, á custa do povo, cada vez mais miserável, quer sob o ponto de vista material, quer, principalmente, sob o ponto de vista espiritual.

O dinheiro é o grande objectivo, o grande Deus; e na ansia de o adquirir todos procuram atirar-se ao seu semelhante, desprezando tudo, não olhando a meios, não pensando um momento no interesse colectivo. Nesta luta caem uns na lama podre, para outros subirem, chafurdando nessa mesma lama, ás alturas do deus dinheiro.

Homens ontem iguais em fortuna e em intelligência, estão hoje armados uns em senhores outros em verdadeiros escravos, uns cheios de ouro e outros cobertos da maior miséria material, porque a miséria moral a todos envolve desgraçadamente.

O comércio e a indústria atingiram as proporções de mania. As lojinhas são umas pegadas ás outras. Toda a gente negocia, e já quasi há mais quem venda do que quem compre. Quem não pode montar uma fábrica, põe uma mercearia ou uma pequena taberna, se não entra como sócio «sem vin-

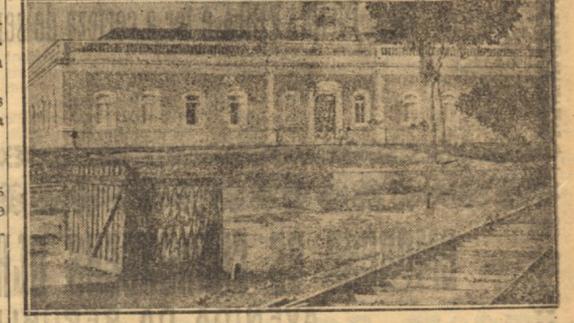
#### QUESTÃO ETERNA

### A mecânica na indústria de conservas

Como os industriais pretendem fazer a sua introdução lançando na miséria, propositadamente, mais de três centenas de operários

A classe dos soldadores de novo anda em litigio com os industriais de conservas. A questão é velha e tem tido já, desde algum tempo, sérias consequências. Agora, porém, ella avolumou-se, tomando um grau tal de gravidade que da sua solução depende a vida ou a morte daquelle classe.

Terra onde todas as infâmias se cometem á sombra da passividade do povo, Olhão tem sido teatro das mais descaradas farças e das mais nojentas e ignominias. Esta, que ora traz occupada a classe dos soldadores, é verdadeira-



O hospital

mente revoltante, verdadeiramente nojenta.

Trata-se da introdução de máquinas de soldar, ou melhor, trata-se de pôr á margem a maior parte daqueles operários. E digamos, antes de mais nada, que o elevado número destes—porque é elevadíssimo em relação ás necessidades da industria e ás condições da exportação—se deve á ambição desmedida do industrialismo que, durante a guerra, na ansia do lucro, deu á industria um desenvolvimento superior áquelle que, feita a paz, ella seria capaz de manter, já por escassez de matéria prima, já pela redução dos mercados consumidores.

Encher latas de sardinhas foi negocio de lucros bastos naqueles anos de esfo-meada carnificina. Daí uma louca cegueira na abertura de fábricas, sem atender ás futuras possibilidades da produção e do consumo, não á futura situação duma classe cujo crescimento se fomentava com a admissão illimitada do aprendizado.

Tratava-se de fazer dinheiro, e não importava saber como. Só o presente se via e desprezava-se crimosamente o futuro.

Tressuando patriotismo por todos os poros, a industria de conservas cometeu crimes de lesa-pátria e de lesa-humanidade, indispõdo os mercados consumidores contra a fraudulenta falsificação dos productos portugueses e contribuindo para o insustentável aumento duma população operária já até á miséria, e condenada agora a morrer de fome.

Não teve a industria de conservas tempo nem iniciativa para suprir, com o emprego das máquinas, durante o periodo da guerra, o excesso anormal do consumo desse periodo. Teria assim, se assim tivesse procedido, feito face ás necessidades de produção e, simultaneamente, resolvido o problema da instalação de máquinas, sem acorreater uma multidão de operários a uma situação de todo o ponto insustentável, como

o padre fala a toda-a-gente, a todos sorrí. Como Cristo, chama a si as creancinhas que encontra ou busca nas ruas, não para ensinar-lhes a linguagem simples e purificadora da Verdade, mas para chama-las, pela sua inconsciencia, ao seu rebanho. «—Adeus! — e o padre bate levemente, carinhosamente, na cabecinha duma criança que vem da escola. —«Então os estudos? Tu vais ser um grande patriota... um grande religioso... Então a mamã? Vai bem, vai bem? Diz-lhe que vá á igreja no domingo. Sabes? há comunhão... muitos meninos... enfim... grandes festas, grandes festas...»

E a creança diz á mãe, e á mãe vai á igreja, e ouve a missa, e entrega a creança nas garras do abutre que se baba e se pavoneia.

A rapaziada pensa a valer na reorganização da juventude sindicalista. Parece que os elementos que trabalham com esse fim tem em vista dar ao novo núcleo um grande desenvolvimento, fazendo parte do seu programa a abertura duma escola de ensino primário e de séries de sessões de propaganda e de educação mútua.

A organização operária de Olhão precisa, com effeito, da acção educativa da Juventude.

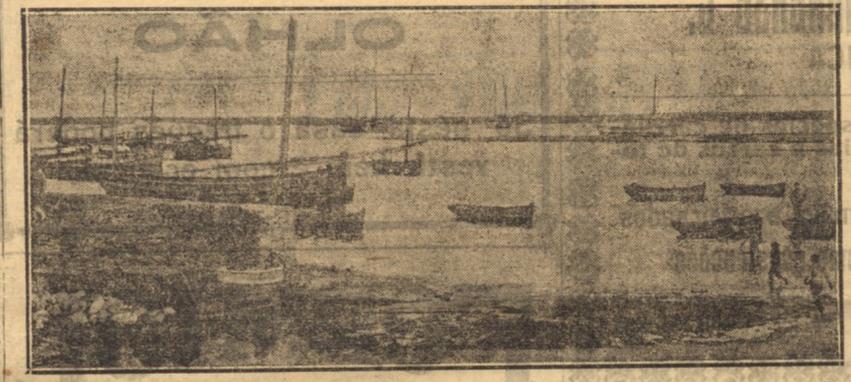
Foi dos núcleos anteriores que salvaram os elementos que maior trabalho produzem hoje na organização sindical.

A vida em Olhão está insuportável. O peixe, principal alimento da população, está caríssimo, mercê das traquebéricas combinações dos industriais da pesca. O pão custa dez tostões cada quilo, e os restantes géneros alimentícios na mesma proporção.

No entanto, os salários não ultrapassam, em média, a insignificancia de quatro escudos por dia de trabalho.

Em casa da mulher de Fixelha appareceu um destes dias uma comissão em busca dos documentos e livros da Associação Marítima.

Parece que quem tem o estandarte é o «Zé Zuca».



Um trecho do porto

Um. O caixeiro só pensa em ser patrão, ter «uma lojinha». E, logo que consigne abrir a porta com dois tarécos e uma pipa de vinho comprada a crédito, já não é povo. Povo são aqueles que lá vão beber.

As tabernas! E o que teriamos que dizer se falássemos delas! As tabernas são ás centenas. Nunca vimos tantas tabernas em parte alguma, nem tam frequentadas.

Se ligarmos a influencia deletéria da taberna á constante pressão exercida pela igreja, compreenderemos o desastrado estado moral do povo, estado agravado ainda com a miséria material, e com a cegueira do luxo que invadiu a população feminina. Miséria e luxo—terrível matrimonio donde a prostituição resulta em tam elevado grau...

Prostituição em que uma população enorme de novos se afunda, sem uma barreira, sem um protesto. Novos em idade; pobres velhos de espirito, sem ideal, sem fé, sem vida. Pobres novos decrépitos para quem a existencia não tem nada de mais alevantado, de mais nobre, do que o baile e o jogo da bola. Pobre mocidade sem aspirações e sem intellecto, para quem o mundo foi feito assim como está, e para quem assim foram feitas, sujas e porcas, as ruas de Olhão.

### Um pouco de história

Olhão é uma das localidades de mais recente fundação do país. As suas casinhas brancas de hoje, com o tipico correr de «roteiras» de linhas regulares, dispostas em paralelepípedos, eram, ainda nos fins do século XVII, umas simples cabanas de junco, construídas por pobres pescadores que ali se abrigavam em tempos de tempestade.

Olhão possui uma costa tam rica de pesca que, um século depois, as suas cabanas se transformaram em branças das suas pescas, em bairros primitivos, nas noites sinistras de temporal, a 60 milhas da terra.

Viveram relativamente felizes e alegres os pescadores de Olhão, almados de poetas, a mór parte decesos no silencio nostálgico do oceano. Felizes viveram, na sua humilde abastança, cercados do prodígio mar e de férteis campos.

Dessa abastança que elles deixaram aos filhos, em outro e em casinhas, resultou a miséria do Olhão actual.

A furdandade cada vez maior da sua costa deixa-os morrer de fome hoje no século do progresso, dando-lhes o peixe que outros comem, e mercê de qual outros enriquecem, sem experimentarem o furor da tempestad naquellas noites trágicas de vendaval e de morte.

O padre Delgado, há poucos anos aqui, é já, mercê da sua incansável propaganda e habilidade, o pastor das des-caminhadas almas. Ele tem feito reverter o quasi morto sentimento religioso deste povo. Ele abriu a igreja paroquial, já abandonada, esquecida, e deu-lhe vida com as suas missas, as suas festas, os seus sermões. O fanatismo desta gente, fraca de espirito, é estimulado, puchado, desenvolvido, aumentando assustosamente.

As procissões andam por essas ruas, e elle á frente, o padre, inchado, orgulhoso da sua obra e cheio de si mesmo. E o povo descobre-se, ajoelha, venera. E o cortejo segue, magestoso, cadenciado, fechado pela banda marcial. A banda regimental—meus senhores!

escola oficial

nos responder. O professor lá está, no seu lugar, só, na sala, revendo exercicios escritos da rapaziada que, entretanto, corre e salta no pequeno jardim do «recreio».

—Des-javamos duas palavras... algumas impressões... coisa de minutos.

—Não posso; agora não posso. Hoje é sábado; Olhão vem amanhã.

—Mas amanhã... —E percebendo:—Eu não tenho descanço, estou aqui quasi todo o tempo.

—Voltamos no domingo. O sr. Justino já nos esperava. É uma criatura ágil e extremamente delicada. Um bom tipo de professor primário.

Preveniram-nos de que o director da escola era democrático. Nós não tivemos maneira de descobrir ali senão o professor, o orientador escolar, naquella figura simpática e atenciosa que nos pôe á vontade; a conversar, mais do que a responder a questionários.

—A frequência escolar? —Começamos. E lembrámos a ignorancia dos pais, o analfabetismo da população. Invocámos a antiga escola oficial, a escola do Capinhão, os alunos pagos, os exames simulados, os empenhos... aquelles tempos da monarchia.

—Nada disso!—interrompe. —Não temos que queixarmo-nos. A frequência na minha escola é de 500 alunos.

—Quinhentos?—fizemos, admirados.

—Acha muito? Não é. O recenseamento dá-nos três mil crianças na idade escolar, não contando a população flutuante que é grande numa terra industrial como esta.

São quinze por cento, como vê, os que frequentam a escola oficial.

—Mas há escolas particulares...

—Se assim não fosse, como poderíamos nós, sete professores, dar conta de tudo? Repare que a lei marca 36 alunos por professor. Ora nós temos já o dobro; e a população escolar tende a aumentar. Bastante tenho eu insistido já para a criação de mais um lugar nesta escola. Mas um professor não era ainda há tempo; mas V. sabe o que são as coisas burocráticas neste país.

As escolas particulares—consequencias d'isso—não satisfazem as condições da pedagogia moderna... A incompetência da maior parte dos professores... Mas o nosso entrevistado não contraria a existencia das escolas particulares.

—Realmente é uma desgraça a mananciação como o ensino primário por aí é ministrado... Mas, enfim, é preferível que alguns professores particulares vão, mal ou bem, ensinando as primeiras letras, a que as creanças não tenham onde aprender coisa alguma.

—Mas há absoluta necessidade...

—Há necessidade é de alargar esta escola, ou crear outras; de arranjar bons professores. Esta casa não é má, como vê. Tem ar, tem luz, tem condições higienicas. Não é má. O governo podia alargar isto, entrar por esse quintal, fazer a escola maior, e dotá-la dos meios que a habilitassem a corresponder ás exigências da população escolar.

E daqui passamos a outro assunto: o aproveitamento; e o professor coati-nua:

que não compreende ou que não os pode ter na escola até o fim do curso. E depois os programas são difficilissimos, pesadíssimos, muito acima das possibilidades de compreensão duma criança com menos de 14 anos, e é só até esta idade que ella pode frequentar a escola de instrução primária.

Ora oiga o programa. Há aqui matéria para uns poucos de anos de liceu. Veja o que aqui vai de química, de física, de geografia... E de matemática?... veja isto... extracções de raizes, números primos, múltiplos e divisores comuns, operações de potências... Não pode ser, não há tempo.

—Aqui está também: jogos, ginástica geral, ginástica respiratória... O programa é pesado. O professor de instrução primária não pode fazer tudo, nem pode ser obrigado a saber tudo.

Pouco depois a conversa tinha recaído sobre a inspecção escolar, sobre a assistência médica, e o sr. Justino continuava lastimosamente:

—Isso, meu amigo, são coisas que não passam do papel.

—Mas a lei...

—Qual lei... olhe, eu tinha ali umas crianças que me pareciam atacadas de doença contagiosa de bastante gravidade. Algumas vezes insisti com o sub-delegado de saúde, dr. Raimundo Fonseca, para que visitasse a escola. Pois nunca cá o vi.

—E sabe o que elle me disse de uma vez em que o encontrei na rua e voltei a falar-lhe do caso? —O que é que elas tem? — como se o professor, depois de ser tudo, tivesse também que fazer de médico. «O Doutor, mas as crianças andam assim...» A resposta é sabe qual foi? «Olhe mande-as para casa, mande-as para casa...»

—Mas, e... —Qual! Isto é um país onde cada um faz o que quer.

Não há país com mais papelada legislativa. Em Portugal só se gasta papel em decretos. Cumpri-los... isso não é coisa em que se pense. Que havemos nós de fazer? O professorado está votado ao abandono. Melem-lhe nas mãos um programa, entregam-lhe umas centenas de crianças, e depois que se arranjan. Isto por aqui ainda não vai mal se olharmos ao que se passa por essas terreolas.

E daqui, o professor e o repórter, num pensamento comum, idealizam uma escola modelo. Fala-se do que deveria ser a escola de instrução primária, do seu papel na formação do espirito infantil, da sua função mais educativa do que propriamente instrutiva. Invoca-se o nome de illustres pedagogos e das ideas pedagogicas modernas. Fala-se do dr. Faria de Vasconcelos, da sua obra, do seu livro, das suas theses. E, por fim, ao acaso:

—Interesses de classe? —E o professor?

—Nós já estivemos pior. Os professores, com todo respeito, principalmente, a salário, estão um pouco melhor, isto é, estariam melhor se os vencimentos fossem satisfeitos regularmente. Nós chegamos a estar meses e meses sem receber vencimentos, que andam quasi sempre em atraso. Ora o professor que não recebe ordenado, que tem em casa a familia sem pão, que deve aqui e ali, não pode ter grande disposição para ensinar, para aturar petizada... a não ser...

—A não ser... —A não ser que busque outros proventos.

Isto dizia-nos o professor, já á despedida, enquanto visitávamos as salas do edificio. E por fim:

—Não esqueça isto: é absolutamente necessária a criação de uma escola industrial, ainda que elementar.

# Serviço de livraria DE A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se à venda todas as obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia, higiene e esperanto; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e socialista; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais 10 para registro.

Auxilia-se *A Batalha*, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros à cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de livraria de *A BATALHA*.

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR Lisboa-Portugal

## "A PRIMAVERA"

"A PRIMAVERA", na Rua 18 de Junho, propriedade dos srs. José Maria dos Santos e António Gonçalves Lamas, é a mais bem situada e afreguezada paderia de Olhão. Sem favor, podemos considerar este estabelecimento como o único que dispõe das condições indispensáveis a uma casa daquele género. O seu pão é o que de melhor qualidade se fabrica em toda a vila, mercê dos preciosos conhecimentos técnicos daqueles dois simpáticos industriais.

"A PRIMAVERA" no seu desejo, sempre mantido, de bem servir o público, acaba de abrir um forno para cozeduras de fora, na Rua dos Morraceiros, onde os seus inúmeros fregueses encontram a garantia de um esmerado cuidado em todos os trabalhos.

Ir à PRIMAVERA é ter a certeza de ser bem servido

## EMPRESA DE CARRUAGENS OLANHENSE L.ª

AVENIDA DA REPUBLICA

OLHÃO

Fabricação mecânica de todas as espécies de carruagens, tais como Trens, Charettes, Vitórias e carros de todos os modelos.

Pinturas em automóveis pelos modelos mais aperfeiçoados

Vende madeiras preparadas para as mesmas construções

Os preços desta casa são em competência por a sua fabricação ser por meio de máquinas.

## FRANCISCA DAS DORES MENDONÇA

## MODAS

Rua do Padre Tomás, 10

OLHÃO

## TORNEIRO MECANICO

Precisa-se de meio oficial. Dirigir a José Cristovão.

OLHÃO

## J. M. Ramires & C.ª

A casa que mais barato vende Ferragens, drogas e quinquilharias

RUA DO COMERCIO OLHÃO

## AUTOMÓVEIS

Os olhanenses devem mandar arranjar os seus carros no Caminho do Forno do Tijolo, 83, 85, Lisboa, onde se fazem todas as peças e toda a espécie de concertos para automóveis, camions e voituretes, a preços reduzidos e por pessoal habilitado. Naquela oficina encontrarão também carros em 2.ª mão, em muito bom estado e das melhores marcas, a preços sem competência.

## U.ª de Augusto Martins de Brito & F.ª

RUA DO COMERCIO, 20 a 24

OLHÃO

ESTABELECIMENTO de Ferragens, Drogas e Quinquilharias

SORTIDO COMPLETO DESTES ARTIGOS Representantes da gasolina AUTO-GASO, da Vacuum Oil Company

A melhor existente no mercado

Queris o vosso relógio concertado com garantia e por preço módico? Levae-o ao

33 de S.º André actualmente Largo Rodrigues de Freitas, 33 (em frente do chafariz) OFICINA DE RELOJEIRO E OURIVES DE ALVES D'ANDRADE, L.ª

## Abaixo a carestia da vida!!!

Se quereis comprar barato visitai a

### MERCEARIA DE JOSÉ VERISSIMO TEIXEIRA (antiga casa do Malhinha)

que vende tudo por preços sem competência

Assucar pilé, grosso, a \$65; pilé e refinado, fino, a \$85; arroz nacional, a \$100 e \$120; fio de sapateiro, a \$160; toucinho do Alentejo, a \$40, \$380 e \$280; farinha Nestlé e massas de todas as qualidades

VISITAI, POIS, ESTA CASA!!!

## A BOA VENTURA

ESTABELECIMENTO DE FAZENDAS

Rua Almirante Reis

## OLHÃO

Só nesta casa o freguês poderá vestir bem e com economia

## Belsaúde VITERI

Cigarrilhas medicinais ultra-elegantes

Cura rapidamente

Catarros, defluxos, laringites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, bronquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais rápido dos inhaladores;

2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfuma o hálito e evita a caridade e por isso as pessoas que tem de suportar óculos duvidosos porque se defende de contagiosos parvagens;

3.º São usadas pelas pessoas idosas, pelas astmáticas ou que sofrem de bronquites crônicas, porque limpado o pigarro abre-se o aparelho e paralisam os sons respiratórios seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, acalma a voz e fortalece as cordas vocais; por isso são usadas pelos que cantam ou falam em público;

O ABUSO SÓ PODE BENEFICIAR

5.º Atenção a ação nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias dos fumadores e de quem com eles convive, evitando-lhes o cancro e o cancro gástrico;

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evitando a surdez cerebral. Usadas por todos os que pensam muito;

7.º Usadas pelos que viajam ou frequentam casas dos doentes, porque a fumo saneia o ambiente e introduz-se em todas as células das vias respiratórias, prevenindo as doenças contagiosas, tais como: tuberculose, coqueluche, pneumonia, difteria, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos — Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. \$100

Depósito dos preparados com selo VITERI:

### Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, 1.º D.

## FORMIOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO



Medicamento de alto notável na cura da fraqueza geral. Fraqueza cerebral, aversão a memória e evitand a neurostenia. Os seus maravilhosos efeitos são absolutamente garantidos no tratamento da anemia, tuberculose, fraqueza geral, doenças do coração e pulmões, afeições nervosas, suores nocturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escoliosis, linfismo, raquitismo, afeições óticas, digestões laboriosas e fraqueza senil. Tónico por excelência do sistema nervoso e muscular, multiplicando as forças e evitando a

pobreza fisiológica trazendo-se o seu efeito no aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao sport tem absolutamente necessidade de fazer uso do Formiol com o fim de evitar o esgotamento físico derivado do excesso do clima e do abuso das forças. A distinta classe medica faz uso pessoal e ha sua clinica deste superior medicamento, assim como milhares de pessoas

que se tem tratado das doenças indicadas e sempre com óptimos resultados. Não tem dicta. A venda em todas as boas farmácias e drograrias. Preço: 5 escudos. Correo, até 2 francos, mais 50 centavos.

Depositarie em Lisboa: Farmacia Barral, R. do Ouro, 138; Estacio, Rocio, 89; Azevedo, Roca, 51; Quintana, R. de Prata, 195; Paredes, R. da Misericórdia, 121; Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericórdia, 14. — Braga: Instituto Galenico, Praça do Conde d'Avilongos, 23. — Evora: Farmacia Ferro, R. João de Deus, 33. — Faro, Bandeira & C.ª, R. de Santo Antonio, 30. — AFRICA OCCIDENTAL — S. Tomé: José Pedro da Fonseca, R. General Calheiros. — Oeiras: Serra, Annes & Irmão. — Benguela: Farmacia Continental.

DEPOSITO GERAL — Farmacia Albano 57, R. da Escola Politécnica, 59 — Lisboa

## O BRIC A' BRAC DE ALCANTARA

DE JOSÉ JOAQUIM NICOLAU VERISSIMO

37, Rua de Alcantara, 37 Sucursal: III, Rua do Livramento, 113 LISBOA

COMPRÁ, VENDE E TROCA MOVEIS NOVOS E USADOS e diferentes objectos

Palha de milho, K.º \$45 civis., fava, K.º \$75 civis., conteio, K.º \$350

5 toje de desconto aos assinantes de A BATALHA

## ASSALTOS, GREVES E TUMULTOS ÚTIL A TODOS

A MUNDIAL, mercê de contratos firmados com as mais poderosas Companhias de resseguros estrangeiras, está actualmente em condições de efectuar estes seguros, que tanto lhe tem sido solicitados pela sua numerosa clientela.

Dirigir pedidos e informações a



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital 500.000\$00 — Reservas: 640.696\$14,7

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95 — Tel. 4034 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º Tel. 1459

## A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração Rua do Sol, 131 — PORTO

### Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

DIRECCÃO GERAL

Venda de papel inutilizado

Esta companhia recebe propostas até a dia 10 de Março para a venda de aproximadamente 50.000 quilos de papel inutilizado. As condições estão patentes em Lisboa, na 4.ª Repartição da Direcção Geral, até ás 10 hs 15 horas

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1922.

O director geral da Companhia (a) Ferreira de Mesquita

## A Crise do Socialismo

Sua evolução. — Sua situação presente. — Suas causas. — Seus efeitos. — O futuro.

Brochura de grande actualidade por AUGUSTIN HAMON

Encontra-se já à venda nas livrarias, tabacarias e quiosques.

PREÇO \$40